

O LUGAR DE REFERÊNCIA E O RIGOR DO MÉTODO NO JORNALISMO: algumas considerações

VIZEU, Alfredo Eurico
Doutor, UFPE
vizeu@hotmail.com.br

SANTANA, Adriana
Doutoranda, UFPE
adriana.santana@superig.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é propor algumas questões quanto ao jornalismo como um lugar de referência e a consequente necessidade do rigor no método de investigação. Procuramos analisar o jornalismo como uma das instituições centrais na orientação do homem moderno, bem como problematizar a questão da investigação jornalística. Com base nos referenciais teóricos da cordialidade, da função pedagógica do jornalismo e do método de apuração, seleção e produção da notícia, procuramos apontar algumas pistas que indicam as mudanças que vêm ocorrendo no campo jornalístico nesta primeira década do século XXI

Palavras-chave: Lugar de referência. Construção da realidade. Investigação jornalística.

1. INTRODUÇÃO: o lugar de referência e a redução da complexidade

O jornalismo ocupa um espaço preponderante na maneira com a qual nos utilizamos para perceber e organizar mentalmente o mundo. Esse lugar de referência (VIZEU; CORREIA, 2008) preenchido pela atividade jornalística se deve, em muitas instâncias, ao modo como os jornalistas ordenam a descrição de fatos para formar o noticiário do dia, e a análise dessa produção - que passa essencialmente pelo método de apuração - pode trazer pistas valiosas acerca do mundo a nossa volta (FONTCUBERTA, 1998).

A velocidade do crescimento populacional, da migração, do crescimento desordenado das cidades e da economia de mercado aumentam a desorientação. Vive-se em sociedades cada vez mais complexas nas quais as referências se tornam tênues (MELUCCI, 2001).

Dentro desse contexto, compartilhamos com a análise de Berger e Luckmann (2004) de que a mudança radical de valores e de interpretação no mundo levam a uma desorientação cada vez maior. “A maioria [...] sente-se insegura num mundo confuso e cheio de possibilidades de interpretação e, como alguns desses também estão comprometidos com diferentes possibilidades de vida sentem-se perdidos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54). Ou seja, a crise de sentido é um componente central na modernidade.

Como bem observam novamente Berger e Luckmann (2004), todas as sociedades ao longo da história sempre tiveram entidades e instituições geradoras de sentidos. Por exemplo, a Igreja e a escola, que hoje dividem as “reservas de sentido” com outras entidades, contribuindo também para essa crise de orientação do homem moderno.

As instituições controlam a recepção de elementos de sentidos pelos estoques sociais de conhecimento e organizam a intermediação, a mediação das reservas históricas dos mesmos para os membros da sociedade, contribuindo dessa forma para a

redução da complexidade, bem como colocando-se como um dos possíveis referenciais do dia a dia na contemporaneidade.

Para os autores, a mídia e, acrescentamos, em particular o jornalismo, pode desempenhar um papel-chave na orientação moderna de sentido, na comunicação de sentido:

São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecem interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que as outras instituições produzem em matéria de interpretações de realidade, os meios de comunicação selecionam, organizam (empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma da sua difusão. (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 54).

Nesse sentido, consideramos que é possível avançar e propor, com base nas pesquisas sobre o telejornalismo que temos realizado nos últimos anos (VIZEU, 2008), que o jornalismo poderia funcionar como um dos lugares centrais de referência no mundo atual nas sociedades democráticas. Ao interpretar a realidade social, possibilitaria tornar o mundo mais compreensível para as pessoas.

Não compartilhamos da perspectiva conspiratória de que o campo jornalístico só reforça o *status quo*. Com certeza tem um forte papel nesse sentido, mas defender uma onipotência do jornalismo que dominaria “corações e mentes” é, no nosso entendimento, reduzir o lugar de conflito e tensional do campo jornalístico, bem como subestimar a audiência ativa que significa e ressignifica os conteúdos apresentados e não é uma caixa vazia.

Nessa perspectiva consideramos que a redução da complexidade tem como referência o cotidiano. O contexto teórico do conhecimento do jornalismo é o contexto da práxis. O jornalismo precisa “molhar-se” pela realidade. Ou seja, não há contexto teórico verdadeiro a não ser na união dialética com a prática, com o contexto concreto. No contexto teórico buscamos “tomar distância” dos fatos; no prático, no concreto, somos sujeitos e objetos em relação ao objeto (FREIRE, 1987).

Nas práticas diárias de produção da notícia, é esse procedimento que os jornalistas adotam o tempo todo, muitas vezes de forma inconsciente. No “contexto teórico” de elaboração da informação, o repórter e/ou o redator assumem o papel de sujeitos cognoscentes da relação sujeito-objeto que se dá no contexto concreto para, voltando a este, melhor atuar como sujeitos em relação ao objeto. Consideramos que essa relação teoria/prática faz parte do método de apuração de uma matéria, de edição e de apresentação. O método jornalístico exige um trabalho de rigor (CORNU, 1999).

2. A APURAÇÃO JORNALÍSTICA COMO PROPULSORA DA FUNÇÃO REFERENCIAL

Dentro desse contexto, o rigor do método da investigação jornalística ocupa lugar central. A apuração de informações no jornalismo, aos moldes de como ficou tradicionalmente conhecida, surge lado a lado com o recurso da entrevista pela imprensa popular. Um dos primeiros usos desse expediente em “espaço nobre” de que se tem notícia foi o realizado por James Gordon Bennet, proprietário do New York Herald, em 1836. A conversa com uma cafetina, publicada no veículo, mudou o rumo da investigação sobre o assassinato da prostituta Helen Jewett (PEREIRA JUNIOR, 2006). Somente no final do século 18 é que a imprensa inglesa obteve o direito oficial de apurar, passando a assistir aos debates do Parlamento (CORNU, 1999).

Wolfe (2006) ressalta que, mesmo na pouco distante década de 1960, nos Estados Unidos (EUA), ainda era raro repórteres e colunistas saírem às ruas para apurar informações com as fontes. O Brasil, mesmo com a chegada da imprensa oficial em 1808, só viria efetivamente a contar com o trabalho jornalístico calcado nas entrevistas e na observação, com base na escola americana de produção noticiosa, após a segunda metade do século passado - e ainda assim não totalmente, como ressalta Lage (2001).

Contudo, o método de conversar com as pessoas e observar o cotidiano nas cidades já dava suas mostras em solo nacional no *fin-de-siècle*, especialmente através de João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) e suas crônicas baseadas no comum das gentes e no andamento da vida na então capital brasileira.

Ainda que relativamente recente no jornalismo, a apuração com foco na presença do repórter nos locais dos fatos e nas entrevistas, herança do periodismo norte-americano, faz parte do imaginário e do ideário em torno da atividade jornalística. E é justamente essa tarefa que faz surgir o repórter, figura que entra na história do jornalismo não antes do século 19, mas que marcou o jornalismo ocidental do final do século 19 e por todo o século 20.

Lage (2001, p. 16-17) lembra que a reportagem e o seu principal instrumento, o repórter, “colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode”.

Apesar de a apuração de informações ainda figurar como a base do jornalismo contemporâneo, fatores como a profusão de assessorias de imprensa, acesso mais facilitado a informações e redações enxutas acabam sendo um “incentivo” à redução da investigação e da pesquisa própria dentro dos jornais (SANTANA, 2005). O rigor do método de investigação, força-motriz do lugar de referência ocupado pelo jornalismo, é

enfraquecido, diminuindo, assim, também a própria legitimidade do campo.

Incluimos, entre o rol de preocupações de um método de investigação criterioso, a preocupação com a contextualização. Desprezar o contexto no qual o fato está inserido poderia levar, em primeira instância, a dificuldades de compreensão do acontecimento. Contextualizar poderia ser classificado como colocar o máximo possível de peças no quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, e não visto de forma isolada do mundo que o cerca. A contribuição de se expor o contexto que envolve um fato continua a ter importância nas suítes noticiosas, as quais, não é raro, não inserem o leitor/público/audiência às explicações necessárias ao entendimento da sequência dos acontecimentos.

Kunczik (2001, p. 17) chega a afirmar que “o trabalho jornalístico genuíno, de investigação, de redação e de edição, praticamente já não existe na atualidade”. Não é incomum, em redações de veículos online atrelados a outras mídias do mesmo grupo, os repórteres da Web “aproveitarem” o conteúdo da apuração realizada por jornalistas de impresso e audiovisual, especialmente no que tange às matérias factuais.

Machado (2003, p. 30) ressalta que a redação do jornal digital, por não ter a necessidade de os jornalistas estarem nos locais onde ocorrem os fatos, “ocupa o lugar de um centro de gravidade para onde converge o fluxo de matérias enviadas pelos profissionais, colaboradores e usuários do sistema.”

Essa redução da presença dos repórteres na rua caminha em descompasso com o estereótipo comumente associado aos “homens de notícia” e a efetiva atuação desses profissionais, que vêm adotando uma *persona* que pode vir a explicar, em partes, esses passos em dissonância.

De um lado, o senso comum que vincula o jornalista ao artífice da palavra que escava os fatos obscuros e escondidos, com vistas a trazê-los à superfície, ao “paladino” da justiça, à figura que ocupa um papel social que faz valer a sua função de “divulgador” para garantir o cumprimento das regras mais basilares do processo democrático, e de, por isso mesmo, funcionar como um fiscalizador dos poderes públicos e, ainda, moralizador da esfera privada.

Essa visão, apesar de modificada e acrescida de características desde a solidificação da figura do jornalista no mundo ocidental, não teve alterações significativas, essenciais, ao longo dos últimos três séculos. Quer seja no seu caráter valorativamente negativo (intromissão, arrogância, simplismos e reduções, parcialidade velada) ou positivo (senso de justiça, fiscalização do poder público, catalisação das mudanças sociais, erudição), o fato é que o estereótipo do jornalista, especialmente o do repórter, tem se mantido relativamente estável ao longo dos últimos tempos.

Em contrapartida, uma *persona* adquirida (mesmo que autorechaçada) por profissionais do jornalismo contemporâneo vem se distanciando, sobremaneira, do ainda vigente senso comum acerca do repórter. Por fatores diversos e causas que ainda merecem uma melhor investigação - deficiências infraestruturais nas redações, corpo funcional enxuto, dificuldades no processo de formação educacional, facilidade no acesso remoto a fontes, profusão de informações “prontas”, “acabadas”, produzidas por estratégias da tríade de assessorias de imprensa, marketing e relações públicas, descaso ou raquitismo com as técnicas de apurações, barreiras editoriais, influência das limitações editoriais (interesses político-econômicos), entre outros constrangimentos -, uma parcela significativa dos jornalistas dos dias atuais pode se encaixar numa categoria dissonante da tradicional.

3 . ENTRE O RIGOR E O “JORNALISMO CORDIAL”

A “nova” face do jornalista revela uma burocratização no trato com a informação, uma “quebra” no “instinto de repórter” comumente associado a esses profissionais, uma ausência ou diminuição na produção original de conteúdos, uma dependência crescente e excessiva de material gestado em assessorias de comunicação, a pouca ou insuficiente investigação.

Algo que tratamos como “jornalismo cordial” (SANTANA, 2005), uma conceituação em constante processo de revisão e tomada de empréstimo do “homem cordial” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995), mas que vislumbra uma atividade jornalística dissociada do conflito, do confronto com as fontes e com os discursos oficiais (sejam públicos ou privados), de repetição dos enunciados produzidos no interior das empresas e instituições (novamente, quer seja de caráter público ou privado), e da apuração como base de todo e qualquer produto noticioso.

Cordialidade que não deve ser entendida como postura de submissão, e sim de acomodação e frouxidão dos laços éticos, bem como do enfraquecimento do método de investigação. A metáfora mais simples para retratar essa conceituação é a do “repórter sentado”, o jornalista que não traz das ruas os fatos que serão transformados em notícias, pois eles já chegam com as próprias pernas às redações.

O “cão rastreador” (KUNCZIK, 2001) é visto cada vez menos nas redações, tem saído das universidades com menor frequência e paulatinamente vem sendo substituído por um funcionário burocrático, acomodado e que beira a apatia, que não traz no repertório a vontade e urgência em descobrir o novo, vasculhar os fatos - recônditos ou não - ou mesmo reportar os acontecimentos.

Marcondes Filho (2000) chega mesmo a não duvidar da desintegração *in*

praesentia do repórter. Tencionamos discutir se e de que modo essa, talvez, involução da prática jornalística - responsável pela substituição da matéria pelo *release*, da apuração na rua pela Internet, da entrevista pela pesquisa “preguiçosa” no *Google*, da pauta pela “sugestão de pauta” das assessorias, da postura incisiva e questionadora pela acomodação desmedida - está redesenhando o modo de se fazer jornalismo nos dias atuais. Mais: como associar o jornalismo realizado a esses moldes com o nosso conceito de referência?

Saliente-se que essa acomodação não se refere apenas a um modo diverso de se realizar o jornalismo, e nem é fruto de uma suposta nostalgia a respeito do jornalismo de reportagem iniciado no Brasil com João do Rio (MEDINA, 1988), e sim deve ser entendida como uma forma completamente avessa a tudo que até o presente momento tem se convencido mundialmente por jornalismo.

Este trabalho parte com a hipótese de que o próprio dia a dia dos jornalistas e a dinâmica de trabalho - aliados à formação universitária, ao descompromisso e à falta de zelo para com a informação por parte do jornalista, bem como ao pouco investimento das empresas na constante capacitação profissional e na qualidade de trabalho - estão dando origem à burocratização do jornalismo. Por sua vez, essa “nova face” da profissão está criando um novo personagem: a *persona* do “jornalista cordial”, que tende a enfraquecer o caráter referencial ocupado pela atividade jornalística.

A preocupação com o rigor do método já trouxe propósitos de aproximações do jornalismo com o fazer científico. Kunczik (2001, p. 24) lembra que, destacadamente na Alemanha do século 19, os jornalistas apresentavam “a tendência de aplicar um enfoque e um método científico ao seu trabalho”, com a utilização dos termos “jornalista” e “doutor” com o mesmíssimo sentido.

Foi também a Alemanha palco de pelo menos três importantes estudos científicos sobre a atividade jornalística. Enquanto Peucer (2000), autor da primeira tese doutoral sobre o jornalismo, no final do século XVIII, já pretendia uma teoria própria para o periodismo; Weber (2002), na primeira década do século XX, defendia um “estudo genuinamente científico” sobre a imprensa, e Groth levantava a bandeira de uma ciência dos jornais (*Zeitungswissenschaft*) (BELAU, 1966).

Nos Estados Unidos, Robert Park, que havia atuado como jornalista profissional antes de embarcar para a carreira acadêmica como sociólogo e professor, desenvolve extensa pesquisa sobre o jornalismo (MACHADO, 2005), com destaque para a tese doutoral *Crowd and Public*, defendida em 1903, na Alemanha. Meyer (1973), com o seu “jornalismo de precisão”, advogava a prática de um jornalismo próximo à busca por exatidão encontrada nas ciências sociais, trazendo as técnicas estatísticas como

auxiliares eficazes para uma apuração criteriosa.

A reportagem com auxílio por computador (RAC) tem sido, desde a década de 1980, utilizada como forma de não apenas conseguir dados com mais facilidade, bem como importante no cruzamento de informações e consequente possibilidade de se encontrar recorrências que valham uma investigação.

Há que se reconhecer as limitações do sistema produtivo do qual a profissão/atividade/disciplina faz parte, uma vez que nem é propósito do jornalismo um método tal qual o utilizado em teses científicas. Como Gomis (1987) entendemos que o jornalismo, antes de ciência, é sim um método de interpretação sucessiva da realidade social.

Mesmo não defendendo o *modus operandi* científico como aplicável ao jornalismo - especialmente pelo fator tempo atuar como impeditivo ao método de comprovação e refutação de hipóteses -, acreditamos que a falta de rigor no método de apuração pode acarretar riscos altos e extremamente parecidos com os mesmos erros que vêm se repetindo há pelo menos três séculos de jornalismo - incorreções, marcas na reputação, destruição de carreiras, falácias -, quando se deixa a ética em segundo e terceiro planos no exercício do jornalismo. Uma ética que começa e termina por uma apuração criteriosa, avessa às negligências na verificação das informações (CORNU, 1998).

Antes de exigir a rigidez da ciência, preferimos defender a desconfiança como principal linha metodológica adotada na atividade, estratégia que Pena (2005, p. 58) define não como pecado, mas “norma de sobrevivência”. A reportagem, trabalho que “pode ser tedioso, confuso, fisicamente sujo, cansativo, até perigoso”, na ferina descrição de Wolfe (2005, p. 72), tem por base e princípio a apuração com rigor.

4. JORNALISTA: UM “ENUNCIADOR PEDAGÓGICO”

E se não há rigor, certamente a qualidade da informação é comprometida, comprometendo também aquela que consideramos uma das funções centrais do jornalismo, que é a pedagógica. As notícias devem ter a preocupação de contribuir para o entendimento do mundo da vida. Verón (1983) vê o jornalista como um “enunciador pedagógico”, que pré-ordena o universo do discurso visando ao leitor, que procura orientar, responder-lhe às questões, em suma, informar, sempre guardando uma distância do objetivo dele.

Essa função pedagógica é trabalhada diariamente pelos jornalistas na redação através de uma operação/construção que denominamos de didática (VIZEU, 2008;

VIZEU; CORREIA, 2008). É resultado de uma série de enquadramento culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem que os jornalistas mobilizam para produzirem notícias.

Certamente, a investigação jornalística não se detém apenas nesse aspecto de ordem pedagógica, é preciso apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento. No processo de produção da notícia as informações essenciais não podem ser suprimidas. As notícias devem trazer detalhes básicos para que possam ser compreendidas. As várias faces de um acontecimento devem ser apresentadas.

Na construção da informação jornalística é preciso estar sempre atento para que aspectos da realidade não sejam ocultados nem silenciados. Os textos teriam que buscar uma objetividade possível, tomando-se cuidado em não alterar textos e documentos. Faz-se necessário ainda retificar a informação publicada que se revela inexata. Nesse sentido, uma das tarefas centrais do rigor do método, do conhecimento do jornalismo, é evitar a ambiguidade na informação.

Entende-se que a busca por incrementos na qualidade dentro do jornalismo não se resume a técnicas apuradas de investigação, nem se limita a questões apenas voltadas ao cumprimento de preceitos éticos. Compreende-se que a atividade jornalística contemporânea exige novas habilidades, novas preocupações e perspectivas de outra ordem: a convergência midiática, por exemplo, está sendo responsável por rearranjos consideráveis nas redações - ainda que de forma heterogênea (LAWSON-BORDERS, 2006).

Os próprios usuários, impulsionados pela profusão de possibilidades advindas com o acesso à tecnologia, passam a procurar por informação entre conteúdos midiáticos dispersos (JENKINS, 2006), o que para os jornalistas se configura, além de desafio, como mais uma exigência dentro da práxis profissional.

Contudo, caso consideremos o método de apuração como força propulsora da atividade, seja ela realizada na era do linotipo ou na emergência das mídias sociais, faz-se urgente aprofundar os estudos e as pesquisas sobre a investigação jornalística. Resgatar a atividade central desse campo, em que o erro e o equívoco podem resultar em graves prejuízos à sociedade democrática.

O papel do jornalista, em meio a sua função enunciativa pedagógica - através da qual as informações são pré-organizadas, selecionadas, esmiuçadas e “explicadas” -, eleva-se em responsabilidade ante os novos cenários de produção e consumo informativos. Dotar esse processo de critérios de qualidade cada vez maiores é um desafio que está lançado para pesquisadores e profissionais do campo jornalístico.

The reference place and the rigor of method in journalism: some considerations

Abstract

The aim of this paper consists in proposing some topics about journalism as a reference place and the consequent need of a rigorous investigation method. We try to analyze journalism as one of the central institutions in the orientation of the modern human being, as well as discuss the matter of journalistic investigation. Based on the theoretical references concerning cordiality, the pedagogical journalistic function, and the method of verification, selection and production of news, we try to point out some clues which indicate the changes that have occurred in the journalistic field in this first decade of 21st century.

Keywords :Reference place. Construction of reality. Journalistic investigation.

El lugar de referencia y el rigor del método en el periodismo: algunas consideraciones

Resumen

El objetivo de este ensayo es proponer algunas indagaciones en relación al periodismo como un lugar de referencia y la consecuente necesidad de rigor en el método de investigación. Buscamos analizar el periodismo como una de las instituciones centrales en la orientación del hombre moderno, así como problematizar la cuestión de la investigación periodística. Con base en los referenciales teóricos de la cordialidad, de la función pedagógica del periodismo y del método de investigación, selección y producción de la noticia, apuntamos algunas pistas que indican las transformaciones que están ocurriendo en el campo periodístico en esta primera década del siglo XXI.

Palabras-llave : Lugar de referencia. Construcción de la realidad. Investigación periodística

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter,LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BELAU, Angel Faus. **La Ciencia Periodística de Otto Groth**. Pamplona: Universidad de Navarra/Instituto de Periodismo, 1966.

BUARQUE de HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Lisboa : Piaget, 1999

FREIRE, Paulo. **Ação cultura para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia. Pistas para pircibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1998.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoria del Periodismo**. Como se forma el presente. México: Paidós, 1991.
- JENKINS, Henry. **Convergence Culture**. Where Old and New Media Collide. New York: New York University Press, 2006.
- KUNCZIK, Michael. **Manual de Comunicação**. Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Record: Rio de Janeiro, 2001.
- LAWSON-BORDERS, G. **Media organizations and convergence: case studies of media convergence pioneers**. New Jersey: Lawrence-Erlbaum Associates, 2006.
- MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.
- _____. O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 23-34, 2005.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial. São Paulo: Summus, 1988.
- MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimento sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MEYER, Philip. **Precision Journalism**. Bloomington: Indiana University Press, 1973.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Apuração da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, n. 33, p. 199-214, 2000. (Tradução de De relationibus novellis, Leipzig: Tese (Doutorado em Periodística) - Universidade de Leipzig, 1690.)
- SANTANA, Adriana. **CTRL+C CTRL+V: O Release nos Jornais Pernambucanos**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.
- VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência: a redução da complexidade nas sociedades contemporâneas. 6º SBPJOR, 2008, UMESP/São Paulo. **Anais e palestras**. São Paulo: SBPJOR, 2008. 1 CD-ROM.
- VERÓN, Eliseo. Il est là, je le vois, il me parle. **Revue Communications**, n. 38, Paris: Seuil, 1983.
- WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: Um programa de Pesquisa. **Lua Nova**. Revista de Cultura e Política. n. 55-56, Cedec, 2002.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em: 02/09/2009

Aceito em:22/04/2010